

AMENO COMPANHEIRO

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Muito me custou telefonar para um tétrico Serviço de Informação sobre Entrada de Cadáveres, do Instituto Médico Legal, perguntando se estava lá o corpo de Brito Broca. No dia anterior, via-se no "Estado de S. Paulo" o artigo do escritor sobre "o fantástico na literatura": apareciam suas notas não assinadas, no suplemento do Correio da Manhã, em torno de livros e figuras literárias; na manhã mesma de domingo, o Correio trazia outro artigo seu a propósito de duelos de escritores... Era, pois, Brito Broca vivendo e nadando no mar da literatura, que constituía seu mar exclusivo e, de repente, o que era um ameno e leal companheiro de letras, uma presença, um mover-se contínuo, se transforma em "corpo"; já não nos referimos a Brito Broca, e sim a seus despojos, submetidos aos ritos da autópsia e do embalsamamento. Ele que tanto amava os fins-de-semana, transformando-se então numa segunda personagem, liberta dos compromissos jornalísticos e literários, e mais próxima do bar que da biblioteca, encontrava num fim-de-semana a sua morte, a morte burra, sem sentido, que depende do acaso (ou da inconsciência dos motorizados) e não da natureza. O "porque hoje é sábado", do poeta Vinícius, tinha importância particular na vida de Brito Broca. A semana toda, fartava-se de trabalhar abstendo-se mesmo do uísque das tardes de autógrafos, a que tinha de comparecer (e que durante algum tempo armazenava num frasquinho guardado no bolso), pois só aos sábados se permitia o abandono da disciplina quase ascética de seu ofício. E foi no final de uma noite de sábado que o carro o pegou na rua e o trucidou; no interior de suas singelas férias semanais da literatura.

Seu elogio é feito pela voz geral dos escritores: todos lhe queriam bem, e muitos lhe devem alguma coisa. Era o homem precioso que conhecia uma data, o título de um livro esquecido, um episódio literário de 1900 ou de 1850, no Brasil ou na França, o pesquisador de agudo faro que derrubava montanhas na Biblioteca Nacional para descobrir as coisas na fonte. E tudo convertia em matéria de jornal, muitos anos velada sob a máscara de "Alceste", escolhida na juventude, mas da qual não copiara a casmurrice. Broca não diria a Philinte, duramente, que o soneto deste era uma droga, com irônica generosidade lhe faria sentir a ruindade da lira. Do espírito francês, em cujas lições se formou, terá haurido o ceticismo indulgente e aberto para a vida; creio que o Padre Jérôme Coignard, relação literária da sua juventude, continuou valendo mais a seus olhos do que todas as invenções do "roman nouveau".

Inteligência curiosa, hábil e equilibrada, soube compatibilizar jornalismo e literatura, que afinal não são inimigos mortais. Seu livro excelente sobre o ambiente literário brasileiro do Novecentos deu-lhe uma notoriedade que deve tê-lo surpreendido, mas que não capitalizou em vaidade. Como vivia para a literatura e dela soubera tirar seu meio de vida, tinha-se por satisfeito, sem cobiçar o suplemento

de favores e privilégios que não raro fazem o intelectual invejar tanto os não-intelectuais bem postos no século. Era sobretudo um espírito conversível, e quem se aproximou dele e o ouviu contar anedotas do mundo das letras ou aventuras de sua viagem de madureza a Paris, não deixará de sentir saudades de Brito Broca - o homem que escondia as palavras por trás da mão, tapando a boca porém não o talento, a graça e o coração limpo.

Texto publicado no **Correio da Manhã** em 23/08/61.